

O Samba das Pretas: usos e sentidos da cultura oral negra online no podcast

História Preta¹

Aldenora Teófilo Vieira Santos CAVALCANTE²

Márcia Gomes da SILVA³

Allícia Karinne Nascimento Resende de LIMA⁴

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

RESUMO

Este trabalho busca discutir os usos e sentidos da cultura oral negra em podcasts, na temporada O Samba das Pretas, do podcast História Preta, a partir de Lu e Steele (2019) e Barner (2021). Entendendo podcasting como prática cultural (VIANA, 2022) e portanto, hábil para desdobramentos de uma cultura oral negra online. Por meio da Análise Crítica Tecnocultural do Discurso (BROCK, 2020), consideramos o podcasting operacionalizado por grupos negros em sua funcionalidade técnica e em seu conteúdo. Na análise, constatamos que o podcast faz uso de práticas operacionalizadas que se baseiam na cultura oral negra. São elas: as vírgulas explicativas, a variação da linguagem, a construção de espaços íntimos e a centralidade da alegria negra.

PALAVRAS-CHAVE: podcasting; cultura oral negra; samba; história preta; mulheres negras

INTRODUÇÃO

A figura das mulheres negras na construção do samba no Brasil é historicamente invisibilizada. Assim como em outros espaços, esse grupo é colocado em segundo plano. Comumente associadas a posições de bastidores, essas mulheres não limitavam a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Mestra em Comunicação - Área de Estudo de Mídia e Jornalismo pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal), Professora Substituta de Jornalismo no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí, e-mail: aldenora.cavalcante@ufpi.edu.br

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, e-mail: maarciagomessilva@gmail.com.

⁴ Graduanda no Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Piauí, e-mail: alliciaknascimento@gmail.com.

sua atuação apenas a essas funções. Elas também atuavam dentro das Escolas de Samba sendo figuras principais no surgimento das rodas de samba. Nesse contexto, pretendemos discutir os usos e sentidos da cultura oral negra em podcasts, operacionalizados no podcast “História Preta”, temporada “O Samba das Pretas”.

Inicialmente falamos sobre a presença e invisibilização das mulheres negras no samba, em seguida, discutimos a relação do podcasting e da cultura oral negra, a partir dos estudos de Lu e Steele (2019) e Barner (2021) e entendendo o podcasting como mídia híbrida (BONINI, 2022) e prática cultural (VIANA, 2022). Pontuamos brevemente sobre o viés metodológico utilizado e partimos para a análise e por fim, pontuamos algumas considerações.

O SAMBA E AS MULHERES NEGRAS

A partir de 1831, quando o tráfico de escravizados se tornou ilegal no Brasil, surge a “Pequena África”, na capital do Rio de Janeiro. Habitada por negros e africanos libertos, é uma região histórica para as comunidades afro-brasileiras até os dias atuais.

De acordo com Gomes (2013), estudos apontam que a mulher negra possui elevado status social nesses territórios. Nessa centralização da figura da mulher nas comunidades afro-brasileiras, estão as Tias. Reverenciadas na Pequena África, eram respeitadas e procuradas pela comunidade e por não-moradores da região. Viviam cercadas de gente de todos os tipos que viam nessas mulheres o sagrado e confiavam suas vidas às suas rezas e macumbas.

Segundo Almeida (2013), essas mulheres eram mães, líderes, rezadeiras, cozinheiras e estavam em diversas outras funções, tornando-se “o grande esteio da comunidade negra, responsáveis pela nova geração que nascia carioca: eram elas as chefas de famílias extensas e muitas frentes familiares se formavam a partir do crivo de uma tia” (ALMEIDA, 2013, p.36).

Foi nas casas das Tias, nos seus quintais, após os cultos que surgiram os sambas e “pagodes” Para além dos bastidores, nos dias atuais resta a essas mulheres o papel de passistas, rainhas de bateria, baianas, e as demais personagens das escolas de samba, quase nunca associadas ao lugar de compositoras, sambistas, responsáveis pela criação do samba enquanto expressão afro-brasileira. Entretanto, foram as mulheres negras as figuras principais no surgimento das rodas de samba e da organização das casas, no

sustento dos cultos, do samba e da comida, coordenando e administrando as festividades. Através delas acontecia a vida dessas comunidades.

PODCASTING E CULTURA ORAL NEGRA

Para este trabalho, utilizamos o conceito de podcasting a partir de Viana (2022), que afirma que podcasting é “uma prática cultural e comercial que envolve processos de produção, transmissão, circulação e consumo de podcast, sendo este último o produto resultante dessa prática” (VIANNA, 2022, p. 29). Nesse sentido, ao compreender o podcasting como prática cultural, salientamos que, quando operacionalizado por grupos negros, este utiliza determinadas estratégias comuns que fazem parte do arcabouço de uma cultura oral negra. Lu e Steele (2019) apontam a cultura oral negra como uma prática subversiva de negros e negras que operacionalizam a oralidade para a disseminação de conhecimento, escapando, assim, à percepção dominante.

No Brasil, o grupo social que protagonizou práticas de resistência a partir da oralidade escapando da apreensão dominante foram as mulheres negras. De acordo com Gonzalez (2020) através de um tipo de “resistência passiva”, ou seja, não dotada de força física mas nitidamente eficaz simbolicamente, coube às mulheres negras escravizadas através do papel laboral doméstico da mãe preta⁵, de modo específico, a africanização do português falado no Brasil, o pretuguês, uma manifestação de como a oralidade negra escapou à vigilância do grupo dominante.

Voltando a Lu e Steele (2019), as autoras apontam que os vestígios dessas práticas permeiam a contemporaneidade por meio das tecnologias digitais comunicacionais. É relevante destacar que as práticas tradicionais da cultura oral negra coexistem com aquelas que estão inseridas no contexto dos meios digitais.

Tratando especificamente de práticas operacionalizadas em podcasts que se baseiam na cultura oral negra, Barner (2021) em seu estudo de podcasts produzidos por mulheres negras e *queer*, identificou estratégias usadas pelas hosts desses podcasts que remontam e/ou dão continuidade à essa cultura. Entre as estratégias estão o uso (ou não uso) das vírgulas explicativas, variação na linguagem a depender do tópico tratado, construção de espaços íntimos e centralização da alegria negra.

⁵ De acordo com Gonzalez (2020) “mãe preta” refere-se ao papel desempenhado pelas mucamas, mulheres negras escravizadas que desempenham tarefas no interior da casa-grande, ficando responsáveis pelos cuidados com os filhos de seus senhores.

HISTÓRIA PRETA E DESDOBRAMENTOS DA CULTURA ORAL NEGRA

História Preta é um podcast que se define como “narrativo/documental sobre a memória histórica da população negra no Brasil e no Mundo”⁶. O programa lançado em janeiro de 2019 é apresentado pelo historiador Thiago André. Figurando entre os melhores podcasts em listas de plataforma como Spotify e Apple Podcast, atualmente conta com mais de 1 milhão de plays e 100 mil ouvintes e integra a Rede B9 de podcasts, empresa referência no ramo. O podcast tem um site próprio e também conta com episódios exclusivos para para apoiadores no Apoia.se⁷.

Este trabalho pretende discutir os usos e sentidos da cultura oral negra online operacionalizados no podcast História Preta, mais especificamente na temporada “O Samba das Pretas”, publicada entre julho e outubro de 2021. A temporada contém 8 episódios que variam a duração entre 29 e 40 minutos e contam a história de mulheres negras que foram importantes para a construção do gênero musical que dá nome à temporada, são elas: Tia Ciata, Maria Adamastor, Tia Dodô, Clementina de Jesus, Ivone Lara, Leci Brandão, Jovelina Pérola e Chiquinha Gonzaga. “O Samba das Pretas” foi escolhida por ser a primeira temporada do podcast que centraliza a narrativa da série por completo no protagonismo das mulheres negras.

Para esta pesquisa, utilizamos a perspectiva teórica da Análise Crítica Tecnocultural do Discurso baseado em Brock (2020). Em seus princípios, a Análise Crítica Tecnocultural do Discurso explora as relações entre tecnologia e cultura, trazendo para o centro da análise tanto a funcionalidade das tecnologia comunicacionais, ou seja, para que essas foram projetadas, bem como determinados grupos sociais operacionalizam tais tecnologias construindo usos e sentidos próprios, baseados em referenciais culturais deste grupo.

Os dois primeiros episódios que inauguram a temporada “O Samba das Pretas” não levam o nome das sambistas das quais se retrata a história. No episódio 1, “Feitiço Decente”, é exposta a importância de Tia Ciata na constituição do samba. Já o episódio 2, “Outros Carnavais”, apresenta Maria Adamastor como presidente e fundadora de agremiações carnavalescas, atuando como cantora, porta-bandeira e mestre-sala.

⁶ Descrição presente nas plataformas digitais de streaming.

⁷ A APOIA.se (<https://apoia.se/>) é uma plataforma de financiamento coletivo voltado a projetos pessoais, de empresas e negócios.

Em toda a temporada, não apenas nos episódios mencionados anteriormente, a vírgula explicativa desempenha um papel fundamental na compreensão das dinâmicas sociais que envolvem o samba e sua consolidação. Podemos atribuir isso ao fato do podcast História Preta ser narrativo e ter como principal característica documentar a memória da população negra do Brasil e do Mundo, em uma tentativa de compartilhar registros que historicamente são invisibilizados. O que pode ser observado em ocasiões em que Thiago André explica detalhadamente como acontecem rituais, estilos musicais e situações relacionadas ao negro.

Ao voltarmos a escuta à linguagem, observa-se a predominância do português padrão. Entretanto, a variação da linguagem tem grande destaque e isso é perceptível quando a série traz gírias e expressões pertencentes à cultura negra e de origem africana, e o faz com objetivos específicos: exemplificar o uso de termos em determinadas épocas e situar o ouvinte no contexto narrado.

Nessa temporada, apreendemos que o uso das vírgulas explicativas é fundamental em toda a estrutura dos episódios. Relacionamos isso ao contexto cultural brasileiro, no qual o apagamento dos feitos de pessoas negras constitui uma estratégia de aniquilação da memória coletiva desse povo. Dessa maneira, evidenciar a história e a relevância de mulheres negras por meio de tais mecanismos, busca tornar visível uma narrativa outrora apagada.

Quanto à construção de espaços íntimos, os episódios utilizam-se de elementos sonoros que dialogam com a narrativa e possibilita uma forte conexão e proximidade com o ouvinte. Isso ocorre através de recursos como trechos musicais, sonoras externas, efeitos sonoros, trechos de reportagens e depoimentos. Por fazer parte de uma temporada que trata de gênero musical, a temporada em questão tem uma forte presença desses recursos que evocam também espaços sociais negros, como as rodas de samba.

No que tange a centralização da alegria negra, a série ressalta as conquistas protagonizadas por personalidades negras no samba. Observa-se isso tanto na escolha das mulheres negras retratadas, quanto na forma como as histórias são contadas, onde constantemente as conquistas das mulheres negras sambistas têm maior visibilidade na narrativa que, por sua vez, traz riquezas de detalhes sobre a vida dessas artistas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Buscamos neste trabalho contribuir para as pesquisas sonoras da comunicação, centrando as perspectivas negras nos estudos de podcasting, tanto em nossos objetos de escuta e estudo, como na maioria de nossos referenciais teóricos.

Constatamos que a temporada "O Samba das Pretas" do podcast História Preta faz uso de vírgulas explicativas em todos os seus episódios. Associado a isso, a variação da linguagem, por meio de termos específicos da cultura negra e do âmbito cultural do samba, é contextualizada também com base em referenciais teóricos negros. A construção de espaços íntimos é feita a partir da identidade sonora da temporada, que conta com trechos de músicas, sonoras externas, trechos de entrevistas e efeitos sonoros diversos. E, por fim, a centralidade da alegria negra é verificada através do destaque para as carreiras de sucesso das sambistas negras brasileiras.

Para próximos trabalhos, indicamos a relevância de pesquisar além do sonoro no que se refere aos podcasts. O História Preta, por exemplo, conta com um site com uma campanha de financiamento coletivo que dá acesso a conteúdos exclusivos, constituindo um acervo de referenciais teóricos e não teóricos da cultura negra.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Angélica Ferrarez de. A tradição das tias pretas na Zona Portuária: por uma questão de memória, espaço e patrimônio. Dissertação de Mestrado Dissertação - Programa de Pós Graduação em História Social da Cultura. Rio de Janeiro, 2013.
- BROCK, André. Análise Crítica Tecnocultural do Discurso. In: SILVA, Tarcizio (org.). Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiaspóricos. LiteraRUA, 2020.
- BARNER, Briana Nicole. The Last Place They Thought Of: Black Podcasts and the Performance of Marginalization. Dissertation. University of Texas, Austin. 175p. 2021.
- GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. “Pelo telefone mandaram avisar que se questione essa tal história onde mulher não tá”: a atuação de mulheres musicistas na constituição do samba da Pequena África do Rio de Janeiro no início do século XX. PER MUSI - Revista Acadêmica de Música. n.28, 2013.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- LU, Jessica H; Steele, Catherine Knight. ‘Joy is resistance’: cross-platform resilience and (re) invention of Black oral culture online. Information, Communication & Society, 2019.
- VIANA, Luana. Podcasting e a nova ecologia de mídia. In: SANTOS, Sílvio, MIRANDA, João (coord.). O podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros no ambiente digital. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.